

A MEDIDA DO QUE SOMOS

Valter da Rosa Borges

A MEDIDA DO QUE SOMOS

Recife
2007

Copyright © 2007, Valter da Rosa Borges

Edição e projeto gráfico:
Maria da Salete Rêgo Barros Melo

B732m Borges, Valter da Rosa, 1934–
 A medida do que somos / Valter
 da Rosa Borges. – Recife: Ed. do
 Autor, 2007.
 260p.

1. MÁXIMAS BRASILEIRAS –
PERNAMBUCO. I. Título.

CDU 869.0(81)-84
CDD B869.8

PeR – BPE 07-0635



Novoestilo Edições do Autor
Rua Sérgio Magalhães, 54 – Graças – Recife-PE
Fones: 81 32263558 / 91088727
saleterb@globo.com
www.autorpernambucano2005.kit.net

Se ficarmos calados a respeito do que seja a realidade, o que acontecerá? Por certo, a mesma coisa, se ficarmos falando sobre ela. A realidade não é um problema. Existimos. O mais são problemas que criamos para explicar o que não sabemos.

Palavras e números não nos farão
conhecer a realidade.

Procurar compreender a realidade por meio de metáforas é correr o risco de pensar que o real é uma metáfora.

A realidade que conhecemos é constituída de seres, coisas e relações. Relações entre seres e seres. Relações entre seres e coisas. Relações entre coisas e coisas. Dessas relações resultam o que designamos como eventos e fenômenos.

A coisa é ela e todas as suas perspectivas possíveis.

O nada é um mundo de infinitas possibilidades.

O caos evita que a ordem apodreça na sua imobilidade. A ordem só é sadia quando está em contínua transformação. O caos é a ordem que envelheceu e precisa renascer de seus próprios destroços.

O acaso é a ordem em perpétua transformação. O inédito é a força e a beleza do universo.

O acaso é a força criadora da natureza. Lei é tudo o que se repete. E o que se repete gera seu próprio determinismo.

Há os que dizem que o mundo é imperfeito
porque ele não é como desejariam que fosse.

A natureza é assimétrica. Essa assimetria produz o movimento, que nós dá a impressão de estabilidade e simetria.

A natureza faz parte da realidade ou é a realidade?

O que projetamos como o mundo, mesmo que seja apenas o nosso mundo pessoal, tem de ser dotado de consistência e coerência a fim de lhe conferir inteligibilidade e credibilidade.

Os sistemas filosóficos são mundos fechados e se sustentam por sua coerência interna. Na verdade, eles não explicam o mundo, porque são mundos em si mesmos, embora pareçam explicações para o mundo.

Se a consciência for o fundamento da realidade, então somos a consciência que busca a sua explicação, porque ela é a explicação para tudo o mais.

A substância do vazio é a virtualidade de todas as coisas ainda não acontecidas.

Há vazios na continuidade do tempo que nos dão a sensação de eternidade.

Matéria é espaço mais denso. Espaço é matéria extremamente rarefeita e que, por isso, nos dá a impressão de vazio.

Há um só infinito, ou há infinitos níveis do infinito?

Se ainda pouco conhecemos sobre o universo físico, como pretendemos conhecer o mundo espiritual, caso ele exista?

Fato é tudo o que aconteceu e está acontecendo.

Não há obsolescência do fato. Ele nunca envelhece, por mais antigo que seja. Não há fato desatualizado, fora de moda. Ele é indestrutível mesmo quando morrem todas as suas testemunhas. Nenhum argumento o invalida. Tudo o que se pode fazer é tentar explicá-lo ou ignorá-lo. A explicação é que pode ser falsa, o fato não.

Quase é um fato que abortou.

Fundamentalmente, cada indivíduo é a sua espécie. O que dele se diferencia pela experiência está dentro das potencialidades de sua espécie.

O que importa é o que vemos. O que sabemos (ou pensamos que sabemos) é outra coisa. O macrocosmo e o microcosmo são do tamanho que precisamos.

Chamemos de alma o que mantém a coesão dos átomos, aprisionando-os nas formas das coisas e dos seres vivos. A alma das coisas é a mais forte e dura milênios. A alma que sustenta o universo é, por certo, imortal.

Somos atingidos por acontecimentos mais diversos porque não podemos prevêê-los e/ou controlá-los. Não precisamos, assim, de explicações metafísicas ou teológicas para eles.

Todas as coisas “reais” são apenas algumas das realizações das possibilidades infinitas.

A “matéria” da Física Quântica é a probabilidade. O que chamamos de físico não veio do nada, mas da realização de uma potencialidade.

Somos probabilidades que acontecem sucessivamente. Somos o que nos acontece, e o que fazemos acontecer.

Cada um de nós, para si, é o mais sólido
real entre tudo o mais que é real.

À medida que aumenta a nossa capacidade de compreensão, cresce, cada vez mais, a nossa admiração e reverência pela natureza.

Dizem que a realidade é um sonho. E o sonho, o que é?

O mais impressionante não é a vida ter sido o resultado de um “feliz acaso”, mas o de ter produzido um espécime capaz de pensar sobre ela.

Procuramos explicação para tudo, mas
nem sequer sabemos explicar-nos.

Todas as coisas “reais” são apenas algumas das realizações das possibilidades infinitas.

Não sabemos o quanto somos capazes de fazer em relação ao mundo e à humanidade. Esse é o inevitável risco que sempre temos de correr, seja para o nosso benefício, seja para a nossa destruição.

Tecnologicamente, já chegamos ao ponto em que podemos destruir-nos completamente. A natureza não sentirá a nossa falta.

É preciso aprender a conviver lucidamente com a nossa ignorância, principalmente se trata de metafísica. Mas isso não nos impede de participar do jogo que, com orgulho, denominamos de conhecimento. Assim, enquanto jogamos, desenvolvemos a nossa criatividade, inventamos estratégias e até mudamos as regras do jogo, quando encontramos outras mais satisfatórias. E o jogo do conhecimento é de tal modo envolvente que nos parece real. Na verdade, enquanto jogamos, ele é real.

Muito do que sabemos é o que pensamos que sabemos. A essa ilusão cognitiva Nicolau de Cusa denominou de “douta ignorância”.

Para que nos sintamos convictamente a cada dia mais ignorantes, é preciso que sempre estejamos passando pela experiência sedutora do conhecimento.

O sentimento de estarmos certos nos proporciona uma relaxante anestesia. O pior é que podemos estar errados e, assim, é difícil querermos abrir mão dessa agradável sensação de segurança.

Aprendemos, cada vez mais, a fabricar coisas. E o que pensamos saber é um pouco mais que isso.

Como tudo está em transformação, o conhecedor só se conhece no momento e para o momento do ato do autoconhecimento.

O que não conhecemos, fantasiamos. E acreditamos que o que fantasiamos é conhecimento.

A metafísica é uma perda de tempo. Mas, quem a ela já se dedicou, não se lamenta por isso.

Estamos iludidos pelas palavras. Procuramos soluções para problemas que não existem. Troçamos em dificuldades lingüísticas e pensamos que elas dizem respeito à realidade. Mesmo a palavra realidade não define o seu conteúdo, a sua semântica. Aprendemos a jogar com as palavras, e com elas construimos nossas fantasias. O que existe além das palavras não pode ser verbalizado.

Os conceitos são os átomos do pensar. São com eles que construímos os elementos químicos e os componentes biológicos mentais, que formam um organismo cognitivo ou um sistema filosófico.

Criar paradoxos é enriquecer o mundo,
porque abre novos caminhos para o pensamento
imobilizado pela lógica.

Quem teme ser contraditório, priva-se da sua capacidade criativa.

As palavras são apenas iscas. Uma vez
pescado o peixe, não servem para nada.

A força de uma palavra não está na sua grafia, mas na sua semântica. Para que a uma palavra dita por uma pessoa produza uma reação em outra, é preciso que ela seja entendida com a mesma semântica.

A entonação da voz altera a semântica de uma palavra, diminuindo ou aumentando a sua força ou, ainda, alterando o seu significado.

O sujeito surge, não da existência do objeto, mas da relação com ele. O objeto se torna uma extensão do sujeito, porque se constitui como emergência e reflexo do sujeito.

Apesar de a ciência ser um conhecimento provisório, há um corpo sacerdotal de cientistas que, sob a alegação de seu zeloso ceticismo, procura imobilizar o paradigma da realidade como se esta fosse imutável. Tais cientistas defendem o dogma de que toda a realidade está contida nas leis conhecidas. Assim, nada pode acontecer que venha de encontro a esse dogma. Sob esse aspecto, o ceticismo é uma espécie de fanatismo religioso. E o cético se comporta como um inquisidor, vendo como bruxaria tudo aquilo que contraria a sua imutável ciência. Por isso, discutir com os que se classificam arrogantemente de céticos é perda de tempo, porque eles, à semelhança de fanáticos religiosos, têm medo de perder a fé. Mumificaram a realidade e têm um enorme pavor de tudo o que é vivo, porque este nem sempre previsível e controlável. A ciência, para eles, é um conhecimento infalível e acabado, sendo, portanto, insuscetível de qualquer mudança. Não são, na verdade, cientistas, mas sacerdotes da ciência transformada em dogma.

A ciência destrói sonhos antigos, mas, em compensação, gera sonhos novos.

Se pudéssemos prever tudo, perderíamos o prazer do inédito.

Tudo é recriado, a cada segundo, pelo observador. E o observador se recria no mesmo momento em que observa ou se observa.

Todas as respostas estão gravadas no mais íntimo de nós. Apenas raramente sabemos fazer as perguntas corretas.

Provar é demonstrar que algo é o que parece ser.

Como podemos dizer, com certeza, que conhecemos uma pessoa, se nem sequer nos conhecemos em nossa totalidade?

A experiência do passado nem sempre é orientação para o presente, pois este é permanente mudança ainda que possa ser muito lenta.

Em muitos casos, a experiência de uma pessoa é uma coleção das experiências dos outros.

Uma forma sutil de apego: o apego ao que se sabe.

Hoje, graças à tecnologia, fazemos “milagres” que os taumaturgos e os magos do passado jamais imaginaram. No entanto, vez por outra, agimos mais como feiticeiros do que como magos.

Quem diz duvidar de tudo, deve, por coerência, duvidar da sua dúvida. E de afirmações tais como: Deus não existe, o ser humano não sobrevive à morte.

A dúvida pode ser também um teste para a fé.

Uma sociedade, quanto mais homogênea, mais estagnada. A sociedade, na época contemporânea, é crescentemente heterogênea, exigindo do ser humano a convivência com o diferente. Quanto mais diversificada for uma sociedade, apesar e por causa da globalização, mais rica será como experiência humana.

O pecado mortal de uma sociedade é a falta de solidariedade dos seus indivíduos.

A ética é a saúde da sociedade. O seu enfraquecimento ameaça a estabilidade social.

Quanto mais uma sociedade cresce, menor se torna o valor do indivíduo. Cada vez mais anônimo, ele se torna socialmente invisível.

Há religiões e sistemas políticos que procuram homogeneizar o mundo. Têm horror e ódio à diversidade e à multiplicidade. Por que um só rebanho e um só pastor?

O rebanho humano aumenta a cada dia e se deixa guiar por emoções, tangidas pelo cajado de seus pastores.

Inútil discutir com o rebanho: ele só
escuta a voz do pastor.

É um sacrifício diário, para quem não é do rebanho, conviver com o rebanho. É difícil, para quem desgarrou do rebanho, encontrar outros desgarrados.

O povo é uma argila, que se amolda
segundo a vontade de qualquer oleiro.

A afirmação de que a voz do povo é a voz de Deus é uma piada de mau gosto.

Não temos objetivos prévios ao nascer. Os objetivos surgem das influências que recebemos do meio social em que vivemos, assim como das nossas características pessoais.

Para o equilíbrio social, dois excessos devem ser evitados: a intolerância e a inflexibilidade.

As “tentações do mundo” são aquelas que nos levam a desejar obsessivamente o que não temos condições pessoais ou sociais de alcançar. O apelo ao consumismo compulsivo é uma das grandes “tentações” da sociedade moderna.

A igualdade é uma invenção humana. A fraternidade é a necessidade de união para que um grupo e a própria sociedade subsistam. E a liberdade é a possibilidade de agir dentro dos limites impostos pela ordem social e também pelas condições pessoais de cada indivíduo.

A normalidade é uma homogeneidade imposta. Uma igualdade artificial. Assim, o homem normal é aquele que é tido como igual aos outros. O diferente, por isso, é hostilizado, discriminado, punido. A igualdade é uma invenção humana terrível e causadora de muitos males para a humanidade. É um solvente da individualidade.

Só as pessoas que fazem um grande bem ou um grande mal à humanidade não são esquecidas. A humanidade cultua igualmente heróis e vilões.

O crescimento demográfico tem contribuído para o aumento da mediocridade. As pessoas cultas e inteligentes nem sempre são bem intencionadas. Os verdadeiros sábios não aspiram ao poder, que, por isso, é exercido por medíocres e sabidões eleitos pela massa ignorante e crédula. E nem sempre as pessoas inteligentes agem inteligentemente.

Os povos não decidem seus destinos e ainda são vítimas da megalomania e da loucura de seus líderes.

A história da humanidade é, na sua maioria, o relato das insânias, praticadas por líderes religiosos fanáticos, por generais e reis sanguinários, pelos megalomaníacos do poder. O povo é fascinado e conduzido por essas personalidades psicopatas, que se proclamam salvadores do mundo ou de sua pátria.

Os historiadores investigam a veracidade dos fatos passados. Mas, nunca poderão saber, com certeza, as reais intenções de seus personagens.

Se, às vezes, não sabemos as nossas verdadeiras intenções, como podemos saber seguramente as intenções dos outros?

Fatos históricos, quanto mais antigos, menos confiáveis.

Em todas as atividades humanas, os mais fortes, os mais sagazes, os mais aptos sempre vencerão.

Os mais fracos servem aos mais fortes e se servem do mais forte para sobreviverem ainda que em precárias condições de vida.

Há pessoas especiais que, contrariando a natureza, protegem os fracos contra os fortes.

A filosofia não é um modo de conhecer o mundo, mas um modo de nos conhecermos no mundo.

A filosofia é uma proposta de vida. Mas nem sempre é praticada por seus próprios autores.

Quem não vive o que ensina, é traidor de si mesmo.

A obscuridade e a prolixidade de certos filósofos lhes conferem a aura de superioridade intelectual.

O que projetamos como o mundo, mesmo que seja apenas o nosso mundo pessoal, tem de ser dotado de consistência e coerência a fim de lhe conferir inteligibilidade e credibilidade.

Os sistemas filosóficos são mundos fechados e se sustentam por sua coerência interna. Na verdade, eles não explicam o mundo, porque são mundos em si mesmos, embora pareçam explicações para o mundo.

Quem cria um sistema filosófico, constrói uma prisão para si mesmo. Não precisamos de sistemas que nos limitem. Bastam-nos as nossas próprias limitações.

O saber confere erudição. Mas só a compreensão transforma o vasto saber em sabedoria.

Sábio é aquele que sabe agir com discernimento em cada situação do seu existir.

O povo não entende o sábio. O sábio será sempre uma gota de óleo, boiando na superfície da água plebéia.

Quem anseia pelo aplauso do povo,
mesmo que seja um erudito, não é um sábio. O
sábio não busca a aprovação popular.

O sábio, quanto mais sabe, mais se isola. A sua convivência com as outras pessoas é sempre superficial. Porém isso não o torna um misantropo. Pelo contrário: ele é afável com as pessoas, mas só se relaciona com elas em assuntos triviais. Embora acostumado às profundezas, ele sabe, nos momentos necessários, subir à superfície e até mesmo divertir-se com as pessoas comuns.

Sabedoria: o ouvido maior do que a boca.

A sabedoria é um patrimônio sem herdeiros.

Nosso Mestre é tudo aquilo que nos oferece a oportunidade de sermos diferentes e fazermos da rotina um caminho de surpresas. Estamos essencialmente mortos quando a vida não mais nos surpreende.

Um mestre é aquele que nada faz em relação aos outros. Mas, a sua presença, os ajuda a fazer o necessário para eles.

Mestre é aquele que acorda as pessoas para que não durmam além do necessário. Depois que acordam, o mestre é desnecessário.

As religiões transformam o ser humano em pecador, imperfeito e perdido, necessitado, portanto, de salvação. Quem nisso acredita, precisa de salvação.

As religiões são as maiores fontes de mistérios. E subsistem por causa deles.

O Cristianismo, em seus primórdios, se dirigiu aos escravos, aos pobres, aos excluídos, dando-lhes esperança e compensações no Além. Mas propôs soluções sobre-humanas para alcançar o “Reino dos Céus”.

As religiões são oficinas da loucura quando produzem mártires, suicidas e assassinos.

Matar ou morrer em nome de Deus é a mais perigosa de todas as psicoses coletivas da humanidade.

Viver segundo o corpo. Por que não? O corpo é sábio. Nós somos quem o perturbamos com restrições sociais, morais e espirituais.

As religiões fizeram do corpo uma abominação, a prisão do espírito, a sede do pecado.

Já se disse muita doidice a respeito do corpo. E nos tentaram ensinar a viver segundo o espírito. Mas, o que é viver segundo o espírito? É desprezar o corpo, preocupando-se quase que exclusivamente com o espírito? É ver o corpo como se fosse algo estranho a nós?

Se não somos corpo, o que somos então? Estamos no mundo porque somos corpo e não apenas porque o temos.

O corpo é o nosso meio de agir no mundo. E também o nosso modo de pensar que somos espírito.

Às vezes, há mais ânsia de poder nas pessoas consideradas santas, do que nas peripécias sangrentas de um líder guerreiro.

A história da humanidade é, na sua maioria, o relato das insânias, praticadas por líderes religiosos fanáticos, por generais e reis sanguinários, pelos megalomaniacos do poder. O povo é fascinado e conduzido por essas personalidades psicopatas, que se proclamam salvadores do mundo ou de sua pátria.

O império teológico do catolicismo inaugurou uma época caracterizada pelo medo do pecado, da culpa, da perdição, pela neurose da salvação, pela rejeição à vida material, inclusive o desprezo pelo corpo, e a preocupação obsessiva pela vida espiritual.

O maior castigo que Deus infligiria aos demônios seria obrigá-los a fazer eternamente o bem. É lamentável que os teólogos não tenham pensado nisso.

Somente um Deus antropomórfico e cruel se rejubilaria com o aviltamento e sofrimento voluntários das pessoas que pensam, com isso, glorificá-lo. Eis uma divina relação sadomasoquista entre um Deus vaidoso e essas criaturas ingênuas.

Quando alguém diz que viu Deus, falou com Ele, é o Seu enviado, por certo, alucinou ou está enganando as pessoas crédulas, que constituem a grande maioria da humanidade.

Onde houver ignorantes, milagres existirão.

Há os que crêem que a matemática é o fundamento de tudo. Tal afirmativa poderá ensejar a especulação de que as partículas atômicas, cada vez mais abstratas, sejam apenas operações matemáticas. Sob esse enfoque, poder-se-ia concluir que Deus não é o matemático, mas a matemática.

A mente é uma estrutura informacional e, portanto, virtual dos organismos vivos e (quem sabe?) talvez das formações físicas ditas não-vivas. A mente é um programa que cria, desenvolve, mantém e destrói todas as formas, possuindo, além disso, um elenco de indeterminável número de probabilidades.

A consciência, a cada momento, atualiza um potencial da mente, embora, na sua maioria, esses potenciais atualizados sejam rotineiros. Assim, o que chamamos de criatividade é a atualização de potenciais não-rotineiros. O que chamamos de inconsciente é a mente em sua potencialidade total.

A mente parece operar melhor em sistemas vivos, aumentando o seu grau de operacionalidade, quanto maior for a complexidade de uma estrutura biológica. Mas, talvez seja possível que ela possa atuar em sistemas físicos inventados pelo homem como os computadores.

Os indivíduos e as espécies são semelhantes ou diferentes. Por isso, o grau de consciência varia em cada um deles.

Não há como explicar a mente, porque ela é o fundamento de tudo, e é por ela que se explica tudo, menos ela.

O pensamento é algo imaterial com o qual se conhece o mundo material e se cria coisas físicas. Ou será que organizações físicas, numa atividade caótica ou intencional, criaram o pensamento para compreenderem a si mesmas? Assim, podem fazer novas coisas físicas e também modificar as existentes.

Percebemos, pensamos, sentimos,
lembramo-nos, esquecemo-nos, queremos,
emocionamo-nos, sonhamos: tudo isso é o que
somos. Algo é a causa desses estados. Algo que
chamamos de eu, mesmo nos estados sem eu.

Quem pode deixar de pensar? Quem pode
deixar de sentir?

Quem conseguir tudo isso, ainda será um
ser humano?

Não temos um corpo: nós somos o corpo e tudo o que ele é. O que somos, não temos. O que temos está fora de nós.

Quanto mais se percebe, mais se conhece.
Quanto mais se conhece, mais se percebe.

Coisa, fenômeno, fato são tudo aquilo que percebemos. Afirma-se que as coisas têm uma essência. Mas, o que é essência? É a própria razão de algo? É o que o constitui ou o que nele é irreduzível?

O que é a essência dos seres e das coisas?
Alguém a viu por acaso?

O mundo será sempre novo, se soubermos
mudar o nosso modo de percebê-lo.

Somos e sabemos que somos. Queremos e sabemos que queremos e o que queremos. E sabemos se podemos ou não podemos fazer o que queremos.

Somos probabilidades que acontecem sucessivamente. Somos o que nos acontece, e o que fazemos acontecer.

Indaga-se o que é a consciência, usando, para isso, a consciência. Ou nega-se a realidade da consciência, utilizando a consciência.

É difícil acreditar na existência de finitos pontos de consciência na imensidão, talvez infinita, da inconsciência. O Todo, assim, seria a universal inconsciência de onde se originaram partículas de consciência.

Se somos uma organização consciente de si mesma e, portanto, um *quem* e não um simples *como*, por que o universo, sendo uma organização, é apenas um imenso *como* sem *quem*?

Lembrar é o ato que atualiza uma das possibilidades existente em potencial na memória. Só o presente é atual. O passado e o futuro são virtuais: um, constituído de fatos acontecidos; outro, de expectativas que poderão ou não acontecer.

Pensar é a atividade psíquica que consiste em analisar acontecimentos passados ou presentes, elaborar problemas, inventar soluções, estabelecer relações entre as coisas, interpretar fatos e fazer especulações sobre o futuro. O modo como pensamos revela o nosso tipo de inteligência.

Quando menos pensamos ao olhar as coisas,
mais as vemos melhor.

Aparência é como algo ou alguém é interpretado. A presença é feita de aparências.

O que importa é o que vemos. O que sabemos (ou pensamos que sabemos) é outra coisa. O macrocosmo e o microcosmo são do tamanho que precisamos.

Que algo é esse que diz: meu corpo, minha mente?

A vontade é o impulso para realizar uma ação. Nem toda ação, porém, resulta de um ato de vontade, pois, algumas vezes, agimos contra nossa vontade.

A vontade resulta de condicionamentos biológicos e sociais. Não queremos querer: queremos. As experiências da vida e o conhecimento podem influir sobre os nossos condicionamentos e mudá-los, o que resulta na mudança de nossa vontade.

Qual o espaço em que ocorre o sonho? Onde estão as imagens gravadas na memória? Em que parte do cérebro a memória está? Como podemos ver sem olhos, e que luz traz as imagens para a retina? E de onde vêm essas imagens, se não as vimos na vigília e, portanto, não estão gravadas na memória? Como é que vemos imagens lá “fora” se elas são impressões luminosas, decodificadas pelo nosso aparelho óptico? Por que não as vemos “dentro” de nós, no mesmo “espaço” onde vemos os sonhos? Será que as imagens que vemos lá “fora” são alucinatórias? Por que, então, não vemos os sonhos quando estamos acordados?

É preciso que cada um seja o seu sonho. Quem sonha o sonho de todos, ainda não nasceu para si mesmo. Quem de si não se fez sonho, na morte não sobreviverá.

Perceber é uma fome insaciável. Viver é perceber. O sonho é a percepção dos que dormem.

É o sonhador a causa de seu sonho, ou ele é um sonho que pensa ser o sonhador?

Quando dormimos, somos infinitos.

Os homens nada mais são do que veículos das idéias. São elas que dominam o mundo, não as pessoas. Quanto mais poderosas são, maior o seu poder de contaminação. Não há vacinas contra elas, e a cura é quase impossível.

As idéias, como seres virtuais, têm uma duração indeterminada. Povos e seres humanos são seus veículos de manifestação. Ora se tornam dominantes, ora recessivas, segundos os tempos e os lugares.

A seleção, uma das leis fundamentais da natureza, também opera no mundo das idéias.

Existem os idólatras e os ideólatras. Ambos são fanáticos perigosos.

As idéias não são nossas: elas nos acontecem. Não as possuímos: elas nos possuem. Não as descobrimos: elas nos descobrem. Ninguém as rouba de nós, porque elas não têm dono. Os seus iludidos proprietários morrem: elas atravessam séculos. Seja para o bem ou para o mal, não podemos viver sem elas.

É insensato matar ou matar-se por causa de idéias. Elas viverão séculos e até milênios através de inúmeras gerações de pessoas, sobre as quais exerceu sua influência.

Qual o tamanho do aqui para que possamos afirmar que duas ou mais pessoas estão simultaneamente aqui?

Qual o tamanho do agora para fixar o aqui das pessoas?

Quanto mais fracionarmos o espaço, mais aumentará a distância entre elas, comprometendo a sua percepção de estarem no mesmo aqui.

Se fracionarmos o agora, chegaremos a um ponto em que a simultaneidade entre elas se rompe e, conseqüentemente, o seu aqui.

Só o presente pode ser experimentado. E toda e qualquer certeza é sempre para o agora e enquanto agora.

O tempo de espera, seja do que for, é desperdício de tempo.

Lembrar é o ato que atualiza uma das possibilidades existente em potencial na memória. Só o presente é atual. O passado e o futuro são virtuais: um, constituído de fatos acontecidos; outro, de expectativas que poderão ou não acontecer.

É preciso encontrar, na continuidade do tempo, os vazios descontínuos que nos fazem sentir que somos a eternidade.

O tempo que foi é maior do que o tempo que
é.

O que fui, não sou. E o que sou, não serei.

Somos e não somos sucessivamente na
simultaneidade do agora.

Há sempre um passado a refazer e um futuro a fazer. O presente é a oficina.

Quando perdemos a noção do tempo, não há tempo a preencher.

A cada dia que acordamos, começa a eternidade.

Há dois tipos de egoísmo: o egoísmo biológico, que assegura a sobrevivência dos seres vivos, e o egoísmo social, que leva o ser humano a busca de melhores situações na sociedade. O altruísmo e o associacionismo são as formas mais eficazes do egoísmo social.

O amor é uma dádiva sem retorno.

Não amamos porque queremos. Como podemos amar alguém, que ainda o consideramos um inimigo? O amor não resulta de um dever, ou da nossa vontade de amar. O amor é um sentimento e, por isso, não pode ser imposto.

Somos mais fortes quando o amor é o
nosso ponto forte.

O amor não conhece custos e lucros.

Há duas maneiras de enfraquecer a relação com outra pessoa: viver muito perto dela ou longe dela.

Há aqueles que são amados pelo que fazem, não pelo que são. E há os que nada fazem e são amados pela sua atraente inutilidade.

A vaidade explícita ou a humildade ostensiva de alguém sempre aborrece às outras pessoas.

Quem pensa ou diz que é o mais humilde dos seres humanos, é, por certo, a mais vaidosa de todas as pessoas.

A humildade é também uma forma sutil de poder. Uma pessoa externamente humilde e famosa por sua humildade se transforma, aos olhos dos outros, em um ser superior.

A vaidade é sempre sincera. A modéstia, nem sempre.

Ninguém se finge de vaidoso. E há os que se envaidecem de sua própria vaidade.

A afirmativa de que ninguém é livre é tão insustentável como a esperança de uma liberdade absoluta. Por mais oprimidos que estejamos, há sempre uma parcela, por menor que seja, para o exercício de nossa vontade.

O livre-arbítrio é um falso problema. Somos livres, embora a nossa liberdade seja limitada por fatores externos e condicionamentos internos. Somos livres até para nos suicidar. Exercitamos todos os dias a nossa liberdade em maior ou menor grau, segundo as circunstâncias.

A liberdade é o instante que antecede às decisões, e morre no decidido.

O livre-pensador é visto como um perigoso inimigo do rebanho humano.

A libertação é um processo permanente: estamos sempre nos libertando daquilo que não mais nos serve.

Liberdade é a possibilidade de exercer a nossa vontade em cada situação concreta. O grau de liberdade varia de indivíduo a indivíduo, e de sociedade a sociedade.

O ser humano mais livre é aquele que depende o menos possível dos outros.

Não há liberdade total, mas a maior liberdade possível dentro de uma determinada sociedade.

A cada dia basta a sua própria verdade.

A verdade está sempre a mudar. Não se pode comparar uma verdade que já foi com a verdade que é. A verdade é o que é adequado a cada momento, e não há momentos iguais.

Nem sempre a verdade nos faz bem. Há pessoas que adoecem ou morrem por causa dela.

A verdade é uma força. Mas sempre há o perigo de a força se disfarçar em verdade.

Cada circunstância tem a sua própria verdade.

São as mentiras convencionais que sustentam a vida social. E, para nossa tranquilidade, acreditamos nelas, porque precisamos estar convictos de que são verdadeiras.

Toda a propaganda em prol da verdade jamais a tornou apetecível, a não ser convencionalmente. A mentira, embora publicamente combatida, continua sempre forte, vivendo na sua clandestinidade social.

Ninguém é o caminho, a verdade e a vida.
Cada um é seu caminho, sua verdade, sua vida.

Quem trilha caminho alheio, adota a verdade
de outrem e vive em função dos outros, ainda
sequer nasceu.

A preocupação pelo que não podemos fazer ou não fazer, é fardo inútil em nossa vida.

Fazemos coisas para nos servir. Usamos animais e pessoas para colocá-los a nosso serviço. Por causa disso, inventamos as noções de útil e nocivo, de bom e de mau. Assim, só o que nos serve, é útil e bom.

Fazer o que se está fazendo: instante de
iluminação.

Se o nosso planeta é um ser vivo, ele procura sempre o seu auto-equilíbrio e, em virtude disso, causa sofrimento aos seres vivos, inclusive ao ser humano. Afinal, por que este deveria ser a exceção? Por nos julgarmos uma espécie superior, não nos conformamos com esse tratamento igualitário e acreditamos que a natureza é impiedosa, ou que Deus nos castiga pelos nossos pecados, quando somos vítimas de catástrofes.

Não somos melhores do que os demais seres vivos e nem o mundo foi feito para nós. Enquanto mantivermos esse antropomorfismo, jamais poderemos entender que a Terra, para manter o seu equilíbrio, sacrificará vidas para recriá-las, de uma forma ou de outra, assim que isso lhe seja necessário.

O sofrimento somente pode ser aceito quando nele vislumbramos um significado, uma vantagem ou uma compensação no futuro.

São as grandes tragédias que revelam o que há de melhor e de pior na natureza humana.

O espiritual é sempre o último refúgio, quando catástrofes coletivas e pessoais destroem patrimônios e afetos, tornando a existência vazia e sem significado.

O corpo tinha nome, e morreu. De que serve
o nome sem o corpo?

Não há lugar para os mortos em qualquer lugar do mundo. O morto é um ser virtual.

Fascina-me a morte. O que será não-ser?

Para quem se desligou de tudo, a morte de nada o privará.

Onde estão aqueles que viveram antes de nós? Onde estão aquele que conviveram conosco e já morreram?

Todos estão onde não há onde.

Morremos duas vezes: no corpo e na
memória dos vivos.

Quando cair a nossa última máscara, só restará o infinito.

O mais importante objetivo de cada ser humano é descobrir a sua própria originalidade e realizar constantemente o que ele é.

Como é difícil ser espontâneo! É quase impossível ser o que se é. E, no entanto, essa é a única coisa necessária que nos cabe fazer.

Somos o que fizemos de nós mesmos e do
que as circunstâncias nos fizeram.

Quem não sabe sorrir e chorar é um ser humano incompleto.

É irracional temer aquilo de que não se tem certeza.

Se tudo experimentamos como algo passageiro, embora dure muito ou pouco tempo, a nada mais tememos ou nos apegamos.

A vida é uma troca permanente. Cada ser está tomando algo de outro e sendo desfalcado por outro. Quem pensa que acumula, vive na ilusão. A vida é exuberantemente rica e gastadora. Sua riqueza é interminável. O que não circula, apodrece. Viver é gastar-se. Quem morre, pensando ter-se poupado, gastou-se sem saber e sem viver em plenitude.

Os bens que nos escravizam, não nos fazem bem.

Como é difícil excluir, da gramática da vida, os pronomes possessivos!

Quem somos? Um nome que pensa.

Nosso território começa no corpo. Tudo o mais é sua extensão.

Quem sabe observar atentamente os fatos, não precisa da opinião dos outros para compreendê-los.

Toda fascinação é um risco porque é um anestésico da razão.

O elogio, em muitos casos, é um veneno.
Mata a autocrítica e transforma a vaidade em
dependência.

Aparência é como algo ou alguém é interpretado. A presença é feita de aparências.

Não se compartilha a solidão. A solidão é indivisível.

Fantasma é tudo aquilo que acabou, mas permanece sustentado pela saudade.

Justiça é a necessidade de compensação que uma pessoa sente quando se considera prejudicada.

Ninguém existe só para si. Ou só para os outros. Mas, o para si e o para os outros variam de proporção em cada caso concreto.

Somos as nossas probabilidades. Podemos conhecer nosso passado, reconhecer as suas conseqüências no nosso presente e, com base neste, fazer conjeturas sobre as possibilidades de nosso futuro.

Dois dos nossos maiores inimigos: o fascínio do poder e a paralisia do medo.

É próprio do ser humano buscar o prazer, seja ele físico, psíquico ou espiritual. Nenhum é superior ao outro, e a escolha é pessoal.

Os que se mostram externamente diferentes
quase sempre são apenas externamente
diferentes.

Há uma distância psicológica em que vemos
melhor as pessoas.

O verdadeiro mago é o que faz de sua vida um contínuo encantamento. É que não quer ser um mago para os outros.

É perigoso alguém tornar-se um mito, pois perderá o direito de errar.

Nem sempre a velhice torna as pessoas mais suaves como acontece com os vinhos envelhecidos.

Somos nós que tornamos sagrado tudo o que fazemos, o tempo que vivemos, o espaço que habitamos.

Quem não perdeu o prazer do lúdico pode fazer coisas sérias com a leveza de quem se distrai com os seus brinquedos.

Quando éramos crianças, brincávamos sem saber que era brincadeira. Feliz o adulto que continua brincando com as coisas do mundo, sabendo que não são brincadeiras.

Cada um de nós é único. Como podem existir
“almas gêmeas”?

O subjetivo não é irreal: é apenas objetivamente inobservável.

O *para que* é uma formulação muitas vezes inútil em casos concretos. Para que serve o azul ou a experiência do azul? Para que servem a vida, a felicidade, o sonho e tantas outras coisas mais?

Por que fazemos de seres e coisas finalidades, e fabricamos coisas para nossa utilidade, acreditamos que tudo tem uma finalidade.

O prazer de viver não tem finalidade, não tem explicação, não tem obrigação, nem utilidade. É algo que é, enquanto é, e, por isso, não tem continuidade nem repetição.

Vemos claramente as coisas quando não buscamos nelas qualquer utilidade.

A beleza da arte é a sua inutilidade. Ela é a experiência do enlevo. E nada mais. É a transcendência e não a práxis. É o momento de dissolução do eu, o flutuar nas ondulações do mundo. O artista e o poeta são hipnotizados que hipnotizam, com a sua criação, as outras pessoas.

A arte é uma sedução que seduz o próprio sedutor.

A poesia é a arte de fazer das palavras uma experiência estética. A poesia é a arte do encantamento verbal.

Só há rotinas para quem não sabe descobrir as nuances do novo na aparência uniforme do habitual.

A alegria de cada dia, em doses homeopáticas, cura a enfermidade da rotina.

O mistério nasce na distância e morre na intimidade.

Há ocasiões em que o ser humano é o seu
pior algoz.

A hipocrisia serve para agradar ou iludir as pessoas. A moralidade, para contê-las. E há aquelas que agem moralmente quando este é o único meio seguro de obter o que desejam.

Ainda que não queiramos, criamos expectativas nos outros em relação a nós. E, ainda que não queiramos, acalentamos expectativas em relação aos outros.

Há pessoas que, sob a alegação de que tudo é efêmero, nada realizam. São efêmeros inúteis.

Quem sempre é disponível para os outros, corre o risco de se tornar indisponível para si mesmo.

Quem deseja ser imitado, está querendo
fazer os outros de seus clones psicológicos.

Se tudo experimentamos como algo passageiro, embora dure muito ou pouco tempo, a nada mais tememos ou nos apegamos.

O poder de uma pessoa resulta do medo que ela nos inspira, ou do amor e do respeito que temos por ela.

Quem necessita de admiradores, não tem
suficiente admiração por si mesmo.

Quando nada mais desejamos
obsessivamente, vivemos em plenitude.

Há os que mergulham no oceano. Outros, que mergulham no espaço. Poucos são os que mergulham em si mesmos.

O mais íntimo de nós não recebe visitas.